Ñanduty
ISSN:2317-8590

UM DIÁLOGO ENTRE OS ESTUDOS URBANOS E O TRABALHO SEXUAL DE HOMENS BRASILEIROS EM LISBOA, PORTUGAL

Guilherme Rodrigues Passamani (PPGAS/UFMS-Brasil, ISCTE-Lisboa)[1]

Resumo
O presente artigo é parte das reflexões desenvolvidas no âmbito de uma pesquisa sobre homens brasileiros que fazem trabalho sexual em Lisboa, Portugal, e outras cidades da Europa. Focarei no estabelecimento de diálogos entre alguns conceitos clássicos dos estudos urbanos, sobretudo a partir da Escola Sociológica de Chicago, para análises de elementos presentes na carreira dos interlocutores no mercado do sexo europeu. Dá-se destaque aos quartos desses sujeitos, devido à centralidade que eles têm demonstrado ocupar na vida dos interlocutores. Para tanto, o trabalho de campo em Lisboa está em curso e já foram contatados dezessete homens brasileiros que fazem trabalho sexual na Europa. Com eles têm se construído uma relação de proximidade e têm sido realizadas conversas informais na expectativa de estabelecimento de uma ou mais redes. A ideia é perceber os deslocamentos operados na antropologia rumo a problematizar a cidade e a vida urbana e aí localizar as diferenças que comportam as gramáticas do trabalho sexual de homens brasileiros em Lisboa a partir de seus quartos e das estratégias por eles desenvolvidas para o "êxito" na profissão.
Palavras-chave: homens brasileiros; trabalho sexual; Lisboa; Portugal; Europa.

A DIALOGUE BETWEEN URBAN STUDIES AND SEX WORK OF BRAZILIAN MEN IN LISBON, PORTUGAL

Abstract
This article is a part of the reflections conducted within the research on Brazilian men who do sex work in Lisbon, Portugal, and in other European cities. I will focus on engaging in dialogues between some classic concepts in the urban studies, especially those stemming from the Sociological Chicago School for analyses of elements found in the career of interlocutors in Europe´s sex market. A highlight is given to the rooms of such individuals, due to the central importance they have demonstrated to take in the life of interlocutors. For this purpose, the fieldwork in Lisbon is in progress and 17 Brazilian men who are sex workers in Europe have been contacted. Closeness has been the base of our relationship and informal talks have been conducted with the expectation that one or more networks will be established. The idea is to perceive the displacements undertaken in anthropology with the purpose of problematizing the city and urban life and, in it, find the differences that encompass the grammars of the sex work of Brazilian men in Lisbon stemming from their rooms and from the strategies they have been developing to be "successful" in the profession.
Keywords: Brazilian men; sex work; Lisbon; Portugal; Europe.

[1] Doutor em Ciências Sociais (Unicamp). Professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Atua no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) e no Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais (PPGCult). Pesquisador associado ao Núcleo de Estudos Néstor Perlongher (NENP-UFMS); Investigador do Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA) no ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. E-mail: grpassamani@gmail.com

Ñanduty
ISSN:2317-8590

Introdução

Ao longo dos últimos anos, tenho pesquisado o trabalho sexual[2] de homens brasileiros em Lisboa, Portugal. Desse tema amplo, advém uma série de questões como os fluxos migratórios, o processo de racialização destes sujeitos, a permanência de relações constituídas a partir de um imaginário colonial; as particularidades dos brasileiros nesse contexto; o trabalho sexual em transnacional; e os homens como aqueles sujeitos que exercem o trabalho sexual.

Tento olhar o trabalho sexual a partir das lentes antropológicas e, em especial, da Antropologia Urbana. Para tanto, dou destaque aos primórdios dos estudos urbanos na Escola Sociológica de Chicago e a alguns dos conceitos que considero potentes para refletir sobre problemáticas que atravessam o meu campo. Abordo algumas questões específicas do meu trabalho a partir de alguns conceitos de Gilberto Velho.

Por fim, proponho analisar os trânsitos e os fluxos dos sujeitos da pesquisa. Sejam eles operados por meio de deslocamentos geográficos e/ou simbólicos. Para tanto, elenco o quarto dos trabalhadores sexuais como *locus* desta reflexão, pois, a partir das primeiras aproximações com os interlocutores, percebi a centralidade dos quartos na vida cotidiana desses homens. Por meio deles, sou conduzido a eixos que parecem significativos no meu campo: a noção de estrangeiro ("homem marginal"), que articularia o ser/estar em uma nova cidade/país e as relações daí advindas, bem como os fluxos deles pela cidade para a realização do trabalho sexual, quase sempre de quarto em quarto.

1. Os estrangeiros, a vida urbana e as cidades: projetos e campo de possibilidades

Alguns deslocamentos físicos e conceituais que promoveram uma série de mudanças na Antropologia no último século (Eames, Goode, 1977; Hannerz, 1980; Basham, 1978), na minha percepção, têm como um dos desdobramentos mais importantes, significativos e potentes o

[2] A prostituição é apenas uma das inúmeras modalidades de trabalho sexual. Nesse sentido, uso trabalho sexual também como forma de visibilizar as diferenças que compõem este campo. Prostituição, como termo guarda-chuva pode invisibilizar essas diferenças, bem como as demandas por elas. A partir de Laura Agustín, Adriana Piscitelli diz que "a lista é imensa, abarcando os desempenhados em bordéis, boates, bares, discos, saunas, linhas telefônicas eróticas, sexo virtual através da Internet, casas de massagem, serviços de acompanhantes, agências matrimoniais, hotéis, motéis, cinemas e revistas pornôs, filmes e vídeos, serviços de dominação e submissão/sadomasoquismo, prostituição na rua" (2005, p.7). Para aprofundar o debate, ver Oliveira (2004), Agustín (2005), Piscitelli (2005).

Ñanduty
ISSN:2317-8590

nascimento de uma Antropologia Urbana. Embora formalmente ela se institucionalize nos Estados Unidos apenas nos anos de 1970, desde o começo do século, os estudos urbanos são objeto de reflexão na chamada Escola Sociológica de Chicago (Becker, 1996).

Compreendo que os estudos urbanos foram um marco para repensar as Ciências Sociais de maneira geral e a Antropologia em particular. A relevância dos pesquisadores da Escola de Chicago e suas análises reconfiguram os limites da investigação e apresentaram o cenário urbano como um grande laboratório para o cientista social (Park, 1973). Influenciada pelos trabalhos de Èmile Durkheim e Georg Simmel, Chicago representou um novo passo para pensar a problemática da alteridade no cenário urbano da época (Hannerz, 1980).

No debate que estou propondo aqui, é caro o olhar de Georg Simmel (1990), que no final do século XIX e começo do século XX, compreendia o estrangeiro a partir das experiências dos judeus, desde a errância e a libertação em relação a um espaço geográfico determinado. O estrangeiro seria aquele sujeito que não estaria "preso", "fixo" a um determinado lugar. Ele não era apenas um viajante. Era mais. Ele não estava sempre de passagem. Ele chegava e ficava, quem sabe muito tempo, estabelecia vínculos, criava relações. O estrangeiro teria como sua característica mais destacável o fato de que ele não seria daquele lugar, mesmo a despeito de estar naquele lugar. Tratar-se-ia de uma figura ambígua: próxima e distante. Manteria algumas de suas características de origem, mas agregaria outras a partir das relações desenvolvidas onde chegara. A liberdade, valor por excelência do estrangeiro, em fim de contas, seria a sua vantagem. O contexto propício para a atuação do estrangeiro seria a cidade. Pode-se dizer que o estrangeiro, não necessariamente internacional, mas aquele que chegava a um lugar que não era o seu de origem, ajudava a produzir uma outra dinâmica no local onde chegava.

No que diz respeito à cidade de Chicago, epicentro destas primeiras reflexões, ela era uma espécie de oásis no final do século XIX e princípios do século XX no trajeto de "conquista do Oeste". Às margens do gigante lago Michigan, ela ocupa uma posição estratégica que lhe tornou atrativa a uma multiplicidade de pessoas originárias de diferentes lugares dos Estados Unidos e do mundo. Isso fez com que ela explodisse demograficamente na virada do século. Não por acaso, esse fator fez com que muitas disciplinas começassem a olhar a cidade como um "problema" científico e tentassem desvendar seus "enigmas" (Wirth, 1973).

Robert Park foi uma das figuras mais proeminentes desse processo e destacado pesquisador da primeira "geração de Chicago". Park e seus alunos, ainda que tentando olhar a cidade segundo uma visão positivista (predominante na primeira metade do século XX nas

Ñanduty
ISSN:2317-8590

Ciências Humanas), por meio da noção de "ecologia urbana" [3], começavam a problematizar a vida citadina, suas particularidades, seus sujeitos, suas relações, enfim a dinâmica ali operante a partir da novidade representada pelo grande contingente de estrangeiros (Becker, 1996). Park os percebe a partir da categoria de "homem marginal". Ao cunhar tal expressão, está a referir-se ao processo de integração à sociedade norte-americana dos europeus (geralmente brancos) e dos africanos (negros). Tal como o estrangeiro, o "homem marginal" seria alguém que "vive em dois mundos, mas que em nenhum deles se sente à vontade" (Park, 1971, p.73).

Assim, Chicago, essa cidade receptora de tantos estrangeiros ("homens marginais"), viu a necessidade de construir estratégias de convívio entre as diferenças. Esse processo nem sempre foi amigável. O desdobramento seria a adaptação e, por fim, a assimilação. Essa teoria assimilacionista mostrava que o momento final seria a "americanização" dos estrangeiros. Portanto, a integração do estrangeiro se daria a partir de uma ética do ser americano. Há diferenças entre quem chega e quem é do lugar. Algumas diferenças permanecem, mas o que os ligaria é o que os "faria" americanos, ou seja, as articulações a partir de saberes comuns. Quem desorganizaria, diga-se assim, a vida da cidade, mas, ao mesmo tempo, seria quem garantiria o "salto" para torná-la urbana seriam justamente os "homens marginais".

É oportuno problematizar um pouco esse urbano que nascia em Chicago. Segundo Jean Rémy e Liliane Voyé (1994), a ideia de urbanização é devedora de um elemento que se torna central a organizar o espaço e a sociedade. Esse elemento é a mobilidade. A mobilidade é caracterizada como a ação de transitar, o movimento, os fluxos que permitem contatos e relações entre diferentes sujeitos em diferentes contextos. Para os autores, a urbanização é entendida "como um processo que integra a mobilidade espacial na vida cotidiana" (Idem, p.13). Rémy e Voyé agregam alguma complexidade à percepção da Escola de Chicago que, por meio da noção de morfologia sociodemográfica, caracterizava o modo de vida urbano a partir de volume, densidade e heterogeneidade (Silvano, 2017). Essa complexidade agregada, que se apresenta como um fator crucial, é justamente a mobilidade. O que daria dinâmica à morfologia sociodemográfica seria a mobilidade. Ela seria o eixo que produziria o salto para um contexto tornar-se urbano. Essa mobilidade fora garantida, sobretudo, pelos estrangeiros, os "homens

[3] Para Park (1973), a noção de "ecologia urbana", empreendida nas pesquisas em Chicago, compreendia a cidade a partir das lógicas de organização e desorganização social. Buscava-se, porque orientados por uma visão das "ciências duras", o equilíbrio social, próprio das áreas naturais. Ou seja, por tal lógica: as cidades nascem, crescem e se desenvolvem espontaneamente.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

marginais" que chegavam ali. A chegada desses contingentes populacionais forasteiros mudara, de forma temporária ou mais duradora, as relações desenvolvidas na vida citadina de Chicago.

Em meu campo de pesquisa, os "homens marginais" de que falo são homens brasileiros. Esses homens brasileiros, estrangeiros, estão em Lisboa e em outras cidades de Portugal e da Europa para atuar no mercado no sexo[4] como trabalhadores sexuais. De alguma forma, eles desassossegam os modelos "tradicionais" de organização desse espaço e, por meio de diferentes estratégias, criam novas possibilidades e tramas para as trocas afetivas, eróticas e sexuais. Aqui, o ser estrangeiro – ou "homem marginal" – desses brasileiros é um instrumento da própria profissão. Trata-se, além de uma origem nacional, por óbvio, de um componente simbólico do produto que é negociado.

Portanto, para os estrangeiros de minha pesquisa, Portugal é destino privilegiado, principalmente, por ter o português como língua oficial. A proximidade das línguas é um sinal positivo para aqueles que não sabem outros idiomas e mantêm certo receio com o contato com nacionalidades "distantes" da brasileira. Além disso, Portugal está em uma rota mais abrangente (Togni, 2011), ou seja, não só daqueles que visam envolver-se com o trabalho sexual. Segundo Igor Machado (2004), por exemplo, o fenômeno migratório de brasileiros para Portugal foi impulsionado, desde a década de 1980, pelo "sucessivo empobrecimento do país", onde Portugal, "por sua vez, torna-se lentamente um país de imigração desde sua inserção na União Europeia" (p. 121).

A relação intrínseca de Portugal com suas ex-colônias particulariza o fenômeno migratório. Estes "homens marginais", de países outrora colonizados, se encontram em relações de poder, agora atualizadas, em contextos onde o passado colonial ainda influencia as interações entre diferentes indivíduos. Esse pode ser um elemento que agrega valor ao estrangeiro no estabelecimento das negociações em torno das relações afetivas, eróticas e sexuais precificadas. Falo do fato de ser "ex-colono" como uma espécie de alteridade que atuaria como tensor libidinal (Perlongher, 1987)[5].

[4] Como dito antes, a prostituição é compreendida como apenas uma forma de trabalho sexual. Talvez ela seja a mais visível. Há, no entanto, uma gama variada de atividades desenvolvidas. Quando elas são pensadas em conjunto, conformam um verdadeiro mercado, que, algumas autoras percebem como um mercado do sexo, organizado, algumas vezes, á semelhança de uma indústria. Ver: Agustín (2005); Piscitelli (2005); Oliveira (2004).
[5] Néstor Perlongher, em sua pesquisa sobre a prostituição viril na cidade de São Paulo nos anos de 1980, percebera os tensores libidinais como variantes (ele os chamou de séries) que estimulam desejos, prazeres e, até mesmo, perigos por meio de atribuições classificatórias. Nesse sentido, o chamado "negócio do michê", que dá título ao livro, levando em consideração a atuação e articulação dos tensores libidinais, se apresentava como mais complexo que apenas uma transação sexual. Ele era, ao mesmo tempo, uma transação etário-geracional, racial e de classe. Portanto, dava corpo a uma engrenagem que, como lembra Júlio Simões (2008), era maior que um "quadro de

Ñanduty
ISSN:2317-8590

Como disse antes, a Antropologia Urbana se institucionalizou nos anos 1970, nos Estados Unidos, e começou a ganhar corpo também em outros países do mundo, como no Brasil, por exemplo, na mesma época. Entendo que depois da digressão feita, isso me ajuda a compreender os deslocamentos de homens brasileiros, os sujeitos de minha pesquisa, para encontrar melhores oportunidades no campo do trabalho sexual em Portugal. Aqui especificamente vão interessar os conceitos de "projeto", "campo de possibilidades", "trajetória" e "metamorfose" que compõem a analítica do antropólogo Gilberto Velho (1981, 1994).

Eu tenho ouvido, durante as primeiras incursões ao campo, algo que é bastante recorrente. Os homens brasileiros, que estão no trabalho sexual em Lisboa, com os quais eu contatei, costumam fazer referência a um "amigo que veio para Portugal se prostituir". Este parece ser o elemento disparador de um novo projeto, que acaba por operar mudanças em uma trajetória que já estava organizada e possibilitaria a alternativa de outros campos de possibilidades, o que provocaria metamorfoses na vida desses homens. É de Alfred Schütz (1974) que Gilberto Velho toma de empréstimo a noção de projeto. Schütz compreendia projeto como uma possibilidade explorar, de forma mais assertiva, dadas condutas que conduziriam a certos objetivos[6]. O antropólogo brasileiro vale-se dessa noção para destacar a dimensão relacional de projeto.

Trabalhar com sexo na Europa começa como uma ideia e vai sendo maturada e, depois, operada como um projeto. Tal referente, enquanto projeto, teve a capacidade de alterar a vida dos homens aqui em questão. A maior parte dos homens com os quais eu falei, como eu disse antes, tinha uma vida minimamente organizada no Brasil. A vida no país de origem compunha uma determinada trajetória, que tinha um campo de possibilidades ao qual ela estava associada. Ocorre que tal trajetória restava insuficiente para a expectativa dos interlocutores. Quero ressaltar que o fato em questão não era uma ausência substancial de projetos, mas "novidades" e "outros ares" diante do campo de possibilidades por onde orbitavam.

---

mercantilização sexual". Há uma economia complexa, por parte dos michês, mas também dos clientes, que articula desejo, busca de corpos e prazeres. É assim que os tensores libidinais podem constituir formas variadas de relações de poder entre michês e clientes. Penso que os diferentes quartos, a que eu tive acesso, de homens brasileiros ("ex-colonos" no imaginário português) envolvidos com o trabalho sexual em Portugal, são potentes analiticamente para esta reflexão.

[6] Para Gilberto Velho o campo de possibilidades "trata do que é dado com as alternativas construídas do processo sócio-histórico com o potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura" (1994, p. 28).

Ñanduty
ISSN:2317-8590

Ter um "amigo que veio para Portugal se prostituir" e "se deu bem" é um momento marcante no processo de mudança que culmina com a vinda para Portugal, pois alarga o campo de possibilidades dos sujeitos. Dar-se bem, segundo meus interlocutores, não se resume a ganhar "muito dinheiro" fazendo sexo na Europa. Isso também está no pacote. Mas há a referência a conhecer diferentes países, ter contato com diferentes pessoas, o que uma vida de "trabalhador comum" no Brasil nunca possibilitaria. Além disso, há a referência a "levar uma vida mais confortável". Todos esses elementos operam como disparadores de motivação para produzir a mudança nos projetos organizados e em desenvolvimento no Brasil. Portanto, os projetos (processos complexos) acabam por modificar trajetórias individuais e coletivas. Ter "um amigo que veio para Portugal se prostituir" e "se deu bem" servia como uma espécie de "prova" da potencialidade do "negócio" rumo à conquista do "sonho europeu" que englobaria os elementos destacados acima.

As alterações porque passam os projetos, na analítica de Velho (1994), são as metamorfoses. Elas remodelam, reorganizam a trajetória do sujeito. Na minha rede de interlocutores isso fica bastante claro. A "nova vida na Europa", possibilitada a partir do envolvimento com o trabalho sexual, altera projetos, cria novos projetos e institui novos campos de possibilidades. A experiência dos que já fizeram tal caminho é fundamental, pois são eles que "ensinam" como "consumir a cidade" e como "ganhar o mercado". É preciso conhecer a cidade. É preciso conhecer as pessoas. É preciso conhecer as estratégias de adaptação à vida citadina e aos citadinos. Uma lição dos princípios dos estudos urbanos que permanece até hoje.

Há negociações, descobertas, tensões, mudanças, experimentações. Esta pluralidade de experiências pode ser percebida a partir de diferentes referentes. Há marcas que distinguem os homens com os quais eu estou em interlocução. No entanto, devido à centralidade que acabei percebendo, optei por demonstrar como os quartos podem ajudar a compreender um pouco as diferentes facetas desses sujeitos na busca pelo "sonho europeu".

2. De quarto em quarto: entre diferenças e possibilidades

Durante os primeiros meses de incursões exploratórias ao campo, eu já mantive contato com dezessete homens brasileiros que fazem trabalho sexual em Lisboa. Dessas pessoas, acionadas a partir de diferentes redes de relações, conheci o quarto de quase todos elas. Aliás,

Ñanduty
ISSN:2317-8590

nossas primeiras conversas, geralmente ocorriam ou em espaços públicos ou em seus quartos. Conheci quartos diferentes, mas que guardavam muitas semelhanças[7].

É importante frisar, segundo Christian Bromberger (2012), que as habitações, ou as casas, são um tema importante e recorrente nas pesquisas antropológicas. Elas levam em consideração diferentes olhares que aproximam arquitetura, tipologias habitacionais, estéticas, etc. que problematizam o espaço compartilhado e/ou vivido pelas pessoas em seus cotidianos (RUSSI e BRUM, 2019).

Adriana Russi e Ceres Brum (2019) nos lembram que a casa é mais que uma construção física que protege as pessoas das intempéries e/ou de possíveis ataques de outrem. A casa revela, em diferentes níveis, as potencialidades da inventividade humana. Ela é mais uma faceta da materialização da construção cultural de uma sociedade nas relações estabelecidas entre os grupos humanos e o ambiente, daí a importância, conforme Amos Rapoport (1972), do viés sociocultural para a analisar as casas.[8]

Quando fui convidado ao primeiro quarto de um brasileiro envolvido com o trabalho sexual, isso com dois meses de pesquisa, tive a curiosidade profundamente aguçada. Tratava-se do quarto de Douglas, um brasileiro de Pernambuco, que está com 25 anos, se considera branco e bissexual, com o ensino médio completo. Ele vivia em uma *guest house*[9], que ele chamava de *hostel*, na Alameda, Bairro de Arroios, distante em torno de 3 quilômetros do centro de Lisboa e uma região conhecida pela marcada presença de estrangeiros, sobretudo brasileiros e indianos. Segundo me contou Douglas, a propriedade era administrada por indianos e todos

[7] A dinâmica dos aluguéis em Lisboa, marcada por exigências documentais e preços elevados, faz com muitas pessoas não consigam alugar "casas inteiras". Isso exige uma documentação impossível para pessoas, muitas vezes, ainda indocumentadas, ou se apresenta como algo caro demais. Portanto, alugar um quarto em uma casa compartilhada torna-se mais viável (em termos de custos e "papéis"), pois geralmente ocorre com um grau maior de informalidade. Eu mesmo, em vista dos altos custos, aluguei um quarto em contato direto com o senhorio, que fez a única exigência do pagamento de uma caução correspondente a um mês de aluguel.

[8] Há uma gama de trabalhos antropológicos sobre casas. Sem a intenção de esgotar este contingente, destaco alguns deles: Marcel Mauss (2003) que analisa a dimensão ecológico-cultural (morfologia social); Claude Levi-Strauss (1957) que investiga a casa bororo; Peter Rivière (1996) que pesquisa casas na Guiana; Marcel Griaule (1966) que analisa a casa dogon; Pierre Bourdieu (1980) que investiga a casa kabyle; François Ruegg (2011) que pesquisa habitações camponesas na França; e Marta Vilar Rosales (2015) que analisa a casa de imigrantes na Europa. Sobre pesquisas antropológicas a cerca de casas indígenas, ver Costa e Malhano (1987); Novaes (1983); Portocarrero (2010); Faria (1951), entre outros.

[9] Grosso modo, uma *guest house* tem moradores mais "fixos", mensalistas, ou "quinzenalistas" e cada um tem um quarto privativo. Estes quartos podem ser suítes ou compartilhar banheiros. Os *hostels* são empreendimentos que atendem hospedes mais passageiros, em temporadas mais curtas. São turistas que passam uma, duas, ou mais noites, não excedendo, geralmente, sete noites. Há diferentes modalidades de quartos. Os mais econômicos são aqueles compartilhados e cujo compartilhamento envolve o banheiro também.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

os quartos eram ocupados por pessoas que faziam trabalho sexual: homens e mulheres cis e trans.

Naquela noite de outubro de 2020, depois das 22h, quando estávamos entrando ao prédio, lembrei de uma história de Robert Park contada por Howard Becker. Tratava-se da prisão de Park:

> Certo dia, os cidadãos de Chicago abriram o jornal e se depararam com a notícia de que um professor da Universidade de Chicago tinha sido preso com uma prostituta. Park estava fazendo uma pesquisa com jovens prostitutas, moças que viajavam pelas estradas ou iam de cidade em cidade, onde quer que houvesse um acampamento de soldados para exercer o ofício da prostituição. Park estava entrevistando uma dessas moças dentro de um quarto de hotel quando a polícia o descobriu (Becker, 1996, p.184-185).

Eu não estava com um rapaz muito jovem, que fosse menor de idade, nem mesmo em um país ou em uma época que o trabalho sexual fosse uma atividade ilegal, irregular ou clandestina. No entanto, era permanente a sensação de incômodo, como se eu estivesse fazendo algo que não devesse, ou como se eu estivesse me colocando em algum risco desnecessário. Diferente de Park, eu não fui preso e, pelo contrário, tive com meu interlocutor uma conversa longa e muito frutífera.

Dito isso, o quarto de Douglas era um quarto minúsculo. Havia apenas uma cama de casal, um pequeno guarda-roupas, uma janela. Muitas roupas pelo chão, duas malas abertas e um cheiro muito indigesto de mofo. Eu pensara: como seria possível erotizar aquele contexto no âmbito do trabalho sexual? Nada ali parecia conferir qualquer identidade a Douglas, ou a uma ideia de casa. Parece comum, de maneira geral, associar um quarto a uma casa. Douglas me contara que ele recém tinha saído de uma "praça"[10] e que por isso seu quarto estava uma "zona".

Na *guest house* em que Douglas estava, havia uma permanente sensação de recém-chegado, uma "bagunça", um quarto sem qualquer identidade em relação ao sujeito que o ocupa. Isso me chamou muito a atenção, além de um trânsito constante entre praças, que ele

[10] Entre as pessoas envolvidas com o trabalho sexual em contexto transnacional, a praça é o local onde se desenvolve o trabalho sexual. Refere-se a uma casa ou apartamento. "Fazer praça" é o ato de deslocar-se de um lugar para outro no intuito de obter mais clientes por ser uma "novidade" onde a pessoa envolvida com o trabalho sexual acaba de chegar. Esses trânsitos podem ser dentro do país ou entre países. Trata-se do ato de viajar de cidade em cidade para trabalhar mais. Na linguagem popular, o termo foi generalizado para definir espaço de trabalho sexual temporário. Para mais informações a respeito, ver Manuela Ribeiro *et. al*. (2007).

Ñanduty
ISSN:2317-8590

me contou em nossas conversas, quando frequentei sua "casa" durante alguns dias em Lisboa. Penso que alguns desses pontos podem constituir elos de uma rede que acaba por instituir uma espécie de gramática de certo perfil de homens envolvidos com o trabalho sexual na Europa.

Outro quarto que conheci foi o de Claudio, um brasileiro das Minas Gerais, que tem 34 anos, com ensino superior incompleto e que se considera branco e gay. Na altura, ele dividia apartamento com um belga na região do Príncipe Real, próximo a alguns bares e discotecas frequentados pelo público LGBT e uma região muito valorizada no mercado imobiliário local, próxima ao centro da cidade e que, com o *boom* do turismo, tem atraído muito estrangeiros. Conheci Claudio fazendo voluntariado em uma ONG que atua na prevenção a diferentes ISTs. Nosso primeiro encontro fora da ONG foi em seu quarto.

De início, o que chama a atenção é que o quarto é estrategicamente localizado ao lado da porta de entrada do apartamento, que é térreo. Quer dizer, se o cliente não quiser qualquer contato com a casa, como, por exemplo, ir ao banheiro, ele pode, muito bem, entrar e sair sem ser visto e sem ver ninguém. Chama a atenção no quarto a cama. Ela é muito grande, de casal, e aparentemente muito confortável.

Ao lado direito de quem entra no quarto, há uma espécie de minibar. Lembra muito quartos de motel. Há um móvel de madeira, que é um aparador e, quando aberto, transforma-se em uma mesa. Ali tem diferentes objetos, além de suportes para taças de vinho e garrafas de vinho. Também há pratos, uma máquina de café expresso, xícaras e cápsulas de café. A pequena adega e as taças de vinhos estão em cima de um frigobar retrô. No frigobar há água, refrigerantes, comidas e doces. Cervejas. Além dos vinhos. Tudo isso estaria incluído no "atendimento" contratado pelo cliente.

Na parede em frente à cama, é projetada a imagem do Datashow, que está em um suporte na parte superior da parede em que fica a cabeceira da cama. Nesse suporte, há também o computador portátil e outros aparelhos eletrônicos. Há uma caixa de som. Há luzes de *led* de diferentes cores no quarto. Elas são acionadas em diferentes momentos e produzem efeitos distintos. Há todo um clima produzido pela iluminação. Claudio diz que esta é uma estratégia construída por ele. Percebi, mais que nunca, que há uma construção de um lugar de trabalho no processo de adaptação do quarto para o exercício do trabalho sexual. Um quarto, definitivamente, não é só um quarto. Segundo o interlocutor, tudo isso faria parte de um investimento para propiciar um atendimento diferenciado aos clientes. Ele chama tudo aquilo

Ñanduty
ISSN:2317-8590

que está além do sexo como “um mimo”, “um agrado” aos clientes. Claudio percebe que isso, inclusive, pode reverter em dinheiro, pois os clientes podem, por estes estímulos, pagar mais.

Tales é um brasileiro do estado do Mato Grosso, tem 32 anos, com ensino médio completo, se considera moreno claro e gay. Ele também me convidou para conhecer o seu quarto. Conheci Tales a partir dos contatos de minha rede de relações pessoais. Seu quarto, até agora, é o menor dos que eu visitei. Muito pequeno. Muito menor que o quarto de Douglas. A porta do quarto não abre totalmente, pois tranca na cama, que na verdade é um sofá-cama. A cama só é aberta durante a noite ou quando ele recebe clientes. Além disso, o quarto não tem janelas. É constantemente abafado.

Em frente ao sofá-cama, há uma estante com roupas e ao lado uma cômoda. Na estante, que é aberta, estão roupas, medicamentos, cremes, preservativos, lubrificante e um frasco de PrEp[11]. Há uma série de cabides atrás da porta e, ao lado da estante, com muitas roupas penduradas. Os sapatos ficam na parte de baixo da estante. Tudo isso está organizado em um espaço físico que deve ter em torno de quatro metros quadrados. O quarto de Tales é menor que o banheiro e era a antiga despensa do apartamento, que fica a poucos metros da Avenida da Liberdade, na região central de Lisboa.

Douglas, Claudio e Tales passam boa parte dos dias nos quartos. Quando não estão com clientes, estão nos quartos a espera de clientes, conversando pela internet, fazendo e monitorando anúncios em sites de acompanhantes. Quando estão com clientes em casa, estão nos quartos. Quando saem para atendimentos até a casa dos clientes, outra vez, quase sempre vão para quartos. Muitas vezes, os atendimentos ocorrem em quartos de pensões, hotéis ou motéis.

O que quero dizer é que a cidade consumida por esses e outros interlocutores é aquela percebida a partir de seus quartos. A vida cotidiana acontece a partir do quarto. Essa foi uma realidade que, para eles, por exemplo, não se alterou durante a pandemia. Eles já estavam dentro do quarto antes da pandemia e continuaram durante os períodos de confinamento. Tal realidade, tende a não se alterar muito com o levantamento das restrições referentes à Covid-19. É claro que eles andam pela cidade, fazem tarefas cotidianas na rua, viajam, passeiam. Mas o mote

[11] PrEP é uma profilaxia pré-exposição ao vírus HIV. Trata-se de uma outra estratégia para tentar prevenir-se do vírus HIV. Tal estratégia tem-se popularizado, nos últimos anos, entre homens gays e entre homens que fazem trabalho sexual. Não é recomendado o sexo desprotegido para as pessoas que utilizam PrEP, pois ela não substitui o preservativo. O uso popular da estratégia parece, no entanto, ter sido esse, pelo menos segundo alguns dados preliminares de meu trabalho de campo. É importante lembrar que a PrEP protege apenas contra o vírus HIV. Todas as outras ISTs não são cobertas por essa profilaxia.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

central figura nos quartos. Ali passam boa parte dos dias.

Então, dessa forma, como pensar analiticamente as diferentes facetas do quarto como lugar social? Tal questão me fora provocada a partir da investigação de Paula Togni (2015) sobre a trajetória de brasileiros de Mantena, cidade do interior das Minas Gerais, no Cacém (região da grande Lisboa). Para estes sujeitos, "a Europa é o Cacém" porque ali constitui-se o centro da vida social por eles articulada em geografias relacionais constituídas dialogicamente entre diferentes cidades (prévias à imigração) e diferentes países (Brasil e Portugal, por exemplo). Assim, a dimensão da Europa, na pesquisa de Togni, é aquela instituída a partir das relações que as pessoas desenvolvem e estabelecem no Cacém. Logo, penso que a Lisboa de meus interlocutores pode também ser aquela vista e vivida desde os quartos que habitam, trabalham e circulam.

3. Alguns *insights* analíticos

Em 1967, Michel Foucault (1984) proferiu uma conferência em que problematizou espaço e lugar a partir das noções de utopia e heterotopia. As utopias seriam aqueles espaços que não teriam lugar real, enquanto as heterotopias, segundo ele, seriam utopias realizadas. Na percepção de Filomena Silvano (2017), as heterotopias seriam "espaços em que os outros espaços existentes no interior da cultura a que pertencem são representados, contestados e invertidos" (p. 91).

Comecei este texto falando sobre homens brasileiros envolvidos no trabalho sexual em Lisboa percebidos como estrangeiros no lugar que chegam. Ser estrangeiro não se resume aqui a um passaporte emitido por outro país, mas a todo um "espírito" que marca diferenças. Esses sujeitos jogam com estas marcas e as potencializam como um estimulante libidinal para a efetivação das negociações em torno do mercado do sexo. Quase sempre o fazem nos quartos. Compreendo que o quarto deles pode ser uma heterotopia contemporânea no sentido proposto por Foucault.

Os quartos desses homens não são apenas quartos onde se dorme durante algumas horas. Embora ali se durma. Eles são lugares fora dos lugares, mas localizáveis, tal como um dos pré-requisitos para as heterotopias na leitura foucaultiana. Os quartos que eu conheci, mesmo muito diferentes entre si, são espaços onde o desvio da norma, a fantasia e a ilusão constituem aquele lugar. Um lugar que existe no espaço, que existe fisicamente, mas monta-se e desmonta-se a

Ñanduty
ISSN:2317-8590

cada entrada e saída de um cliente diferente. Aquele quarto, durante aquele determinado período, pode ser o que o desejo e o dinheiro do cliente quiser, desde que acordado previamente com o trabalhador sexual.

Foucault denominou como heterotopia do desvio os comportamentos não esperados ou não desejados pela moral vigente em diferentes sociedades. Nas sociedades que eram nomeadas como "primitivas", ele definiu esses comportamentos como "heterotopias de crise". Nesse sentido, entre as heterotopias de crise, chama a atenção a noção de "corte temporal cronológico". Nos espaços heterotópicos é como se uma espécie de kairós (um tempo especial e imaginado, fechado em si mesmo) se sobrepusesse ao cronos (geral e ordinário). Durante este período, nos espaços heterotópicos, vigoraria a ilusão e a fantasia. Pensando nos quartos de trabalhadores sexuais que conheci, logo depois da porta da rua, aquele "espírito", que funda o quarto como espaço heterotópico, não tem condições viáveis de existir. Tal princípio parece adequar-se ao que os interlocutores de minha pesquisa experimentam no trabalho sexual a partir de seus quartos. Eles entram o quarto e deslocam-se a um espaço heterotópico por alguns instantes que o dinheiro recebido permite manter.

Douglas, Claudio e Tales confirmam que há negociações e tensões nesse processo. Não se trata de um "conto de fadas", como diz Douglas. Há negociações em torno de práticas, de concessões, de valores. Isso não se resolve, segundo eles, rapidamente, pois "é preciso paciência e jogo de cintura com os clientes", afirma Tales. Como em todo negócio, também no trabalho sexual, os clientes barganham preços; os homens que estão oferecendo seus serviços tentam auferir mais lucros. Há tensões em torno de um encontro entre duas pessoas que não se conhecem, cujo contato foi mediado pelas redes sociais. As informações de um e outro são mínimas e, portanto, faltam informações mínimas. Isso é mais que um jogo de palavras, mas a aposta do encontro entre dois "estrangeiros". O espaço do quarto, em tese tão íntimo, povoa-se dessas impessoalidades mais públicas. Todo esse combo fundaria no quarto um espaço heterotópico que pode, por um lado, "bloquear" o prazer e ser "broxante", como diz Claudio. Mas, por outro lado, ele conta que esse seria o "frio na barriga que faz o tesão aflorar".

A despeito da noção de lugar e das problematizações advindas, Marc Augé (1992), ao fazer uma crítica à noção antropológica de lugar, propõe o conceito de não-lugar. O não-lugar é uma alternativa à percepção antropológica de lugar como sendo um território que teria a capacidade de conferir uma espécie de identidade coletiva a um determinado conjunto de pessoas. O não-lugar, para Augé, seria incapaz de conferir identidade para quem quer que fosse,

Ñanduty
ISSN:2317-8590

pois trata-se de um espaço por onde as pessoas passam. É uma dimensão de trânsito.

Se um quarto nunca é apenas um quarto e ele é transformado em um lugar social habitado por fantasias e ilusões, podemos dizer que as pessoas passam por ali quando o negócio do trabalho sexual está em vigor. Ainda que estejam despidos das roupas, supõem-se, não estão despidos das hierarquias e das controvérsias que os constituem socialmente. Essas marcas não são jogadas pelo chão ou sobre as cadeiras, tal como as roupas. Elas são fundamentais na mobilização do constructo daquele não-lugar. Há uma preparação do quarto/não-lugar para o encontro entre o homem que oferece seus préstimos e o cliente.

O homem que faz trabalho sexual e o cliente passam por aquele quarto que eles, ao acordar um negócio, transformam em um não-lugar por um período determinado. O quarto do trabalho sexual, ainda que o seja, muitas vezes, o mesmo espaço físico que aquele sujeito dorme, não é, definitivamente, o mesmo lugar. Para o cliente, pensar esta diferença pode ser mais simples, pois ele, o cliente, ali é um "homem marginal", um sujeito em trânsito, que, quando dá a sua hora, arruma-se e desloca-se de volta para o "seu lugar". Augé mostra como a noção de não-lugar está bastante associada a uma ideia permanente de lugar, até porque estes trânsitos são simbólicos e podem ser interpretados como percepções:

> Na realidade concreta do mundo de hoje, os lugares e os espaços, os lugares e os não-lugares emaranham-se, interpenetram-se. A possibilidade do não-lugar nunca está ausente seja de que lugar for. O regresso ao lugar é o recurso de quem frequenta os não-lugares[...] (Augé, 1992, p.90).

Se os não-lugares não conferem identidade, não são espaços de permanência, se são próprios para passar, para cruzar, para estar e logo partir, isso ajuda a perceber a relação entre os homens envolvidos com o trabalho sexual e os seus clientes a partir dos quartos. O desejo, a fantasia, a ilusão, a tensão libidinal é uma experiência de instantes. O que se impõe é o cotidiano, os lugares. Os não-lugares seriam estas brechas, fugas desejantes, possíveis nos contornos da norma. Em minha pesquisa, eu compreendo os quartos como potencialmente não-lugares. Percebe-se que não são apenas os quartos dos homens envolvidos com o trabalho sexual, mas os quartos de hotel, pensão e motel por onde eles circulam. O trajeto que uns e outros percorrem, de quarto em quarto, para encontrarem-se também pode ser lido com um não-lugar.

No entanto, é importante ressaltar que os quartos, como eu disse acima, são lugares onde assimetrias e hierarquizações não são apagadas. Aliás, as diferenças que destaquei dos três

Ñanduty
ISSN:2317-8590

quartos entre si mostram um pouco isso. Os três cenários são montados para os clientes. Nas conversações preparatórias entre uns e outros estas informações são dadas. Os recursos de chamadas de vídeo no telefone já informam ao cliente onde ele chegará. Quartos mais simples, em regra, destinam-se a clientes com menor poder aquisitivo, pois o preço cobrado por quem faz trabalho sexual também leva em consideração o que ele oferece além do sexo em si. O seu em torno também compõe o seu cachê. Isso fica claro em campo, quando se percebe que Claudio cobra o valor mais elevado entre os três. Não por acaso, aquele cujo quarto é mais equipado. Tales, por outro lado, cobra o menor preço, pois tem um quarto que oferece "menos conforto" ao cliente. Ele diz tentar compensar isso no "desempenho" do trabalho. O quarto de Douglas, na *guest house*, lhe dá condições de cobrar um preço ligeiramente maior que o de Tales, mas bem abaixo que o de Claudio. Reitero, os quartos incrementados e montados para os clientes são apenas um dos elementos que entram no combo que comporá o valor do atendimento. O que se faz, como se faz, o que se diz, no âmbito do trabalho sexual, também é decisivo. Permissões e interditos também são relevantes para a referida precificação.

Algumas páginas cima, dialoguei com Jean Rémy e Liliane Voyé (1994) sobre como o processo de urbanização é atravessado e constituído por uma noção de mobilidade. Retomo a ideia de mobilidade, atrás apresentada, para pensar, a partir de Arjun Appadurai (1997), sobre *ethnoscape*. Tal neologismo é uma tentativa de problematizar um lugar-comum da antropologia que é o representado pelo encontro entre um antropólogo em movimento e um "nativo estático". Appadurai defende que antropólogo e "nativo" estão em movimento e pertencem a lugares. O movimento não cessa para ambos e os lugares estão em permanente constituição.

Ethnoscape pode ser uma alternativa interessante para refletir sobre os meus interlocutores de pesquisa, sobre os fluxos que eles empreendem no interior da cidade, ou mesmo entre cidades europeias, pois, segundo Appadurai:

> Por "ethnoscape", eu entendo a paisagem de pessoas que constroem os mundos mutáveis em que vivem (turistas, imigrantes, refugiados, exilados, trabalhadores estrangeiros e outros grupos e indivíduos móveis). [...] porque cada vez mais pessoas e grupos se relacionam com a realidade de terem de se mover ou com a fantasia de quererem mover-se (Appadurai, 1997, p. 33-34).

Appadurai tenta descontruir a ideia de um nativo associado a um lugar, que, de alguma forma, foi a maneira clássica que a antropologia organizou uma leitura da cultura e do social. É assim que se reafirma que não temos, no "encontro etnográfico", o "choque" entre duas

Ñanduty
ISSN:2317-8590

culturas diferentes, pois, afinal, cultura é uma abstração analítica e abstrações não se encontram. *Ethnoscape*, desse modo, desterritorializa os sujeitos contemporâneos a partir de um olhar atento aos fluxos e ao trânsito destas relações que se desenvolvem numa espécie de *devir* permanente. E é assim que há, na percepção de Appadurai, a possibilidade de interpretar a fronteira como uma zona de contato e não de afastamento entre as diferenças. Porque não estamos mais olhando para sujeitos e espaços estáticos, mas para *algo poroso e deslizante*, como diria Filomena Silvano (2017).

Tenho insistido na possibilidade de olhar para os quartos como dimensões que estariam além do espaço físico e localizável materialmente. Diferente do que fora apontado por Pierre Bourdieu (1980), ao analisar a casa *kabyle,* não me parece que haja nos quartos uma divisão simbólica que institui posições de distinção e que estruturem, de forma muito clara, as diferenças entre uns e outros, ou mesmo "funções" e "papéis" muito estáveis. Em vista disso, é que percebo como *ethnoscapes* podem ser interessantes para pensar esse habitar desterritorializado, esse habitar imaginado, esse habitar um *devir*, pois ele constitui-se em permanente negociação, onde as funções e os papéis são cambiantes, portanto muito mais próximos de uma ideia de performance, que seria materializada à medida que são conseguidos acordos que a tornem viável na forma do estabelecimento do "negócio do desejo". Se um quarto não é só um quarto, um atendimento nunca é igual ao outro, pois não são conhecidos os rumos das próximas negociações que efetivarão o encontro entre o homem que faz trabalho sexual e o seu cliente. Elementos de distinção, hierarquia, lugares simbólicos diferentes, tudo isso parece que tenciona a negociação – esse momento imediatamente anterior à efetivação do encontro – que se mostra como menos devedor de uma estrutura mais estável (tal como no modelo sistematizado por Bourdieu na casa *kabyle*).

É assim, entendo, que os brasileiros envolvidos com o trabalho sexual com os quais eu estou em interlocução, experimentam diferentes *ethnoscapes*. Habitam moradias temporárias, seja em *guest houses*, *hostels*, alojamentos locais, *AirB&B*, ou as praças de trabalho, como reportei antes. Em todos esses espaços físicos constituem lugares em que o que chama a atenção, pelo menos nos quartos que já conheci, é uma sensação de "recém-chegado" ou de "prestes a partir". Nos quartos em que eu estive, tive sempre a recorrente impressão de que eles ou estavam chegando, ou estavam partindo. Malas desarrumadas, roupas soltas, espaços

Ñanduty
ISSN:2317-8590

impessoais. Tudo me lembrava mobilidade. Parece que havia uma tentativa de gerar exatamente uma desconexão do sujeito com o lugar, uma espécie de desidentificação[12].

Minha percepção sobre os quartos, a partir de um processo de desidentificação, ocorria mesmo naqueles "mais estáveis", como os de Claudio e Tales. Havia ali qualquer coisa que não associava, de saída, o sujeito ao lugar. Conversando com alguns destes interlocutores, acabo por perceber que isso pode ser, inclusive, acionado de maneira consciente. Alguns deles me contaram que era preciso mostrar aos clientes que eles eram "novidade" na cidade. Ser "novidade", recém-chegado, ou em "curta temporada" no lugar, pode ser um estimulante para que o cliente queira ser o primeiro a ter com esse homem. Ou o contrário, aproveitar o trabalhador sexual antes que este parta para outras praças. Para tanto, um quarto que remonte à mobilidade, a trânsito, a malas sendo arrumadas, ou desarrumadas, pode ser, também, uma estratégia que corrobora uma outra dimensão do "negócio do desejo".

Considerações Finais

A ideia desse texto foi refletir sobre alguns aspectos do trabalho sexual de homens brasileiros em Lisboa em diálogo com alguns pontos de uma antropologia que se preocupa com a cidade, com o urbano, com o espaço e as relações daí advindas apontando para a importância e atualidade das contribuições teórico-metodológicas inauguradas pela Escola de Chicago. Dei destaque aos quartos, como partes de uma casa, que, para além de questões de ordem prática, são atravessados e constituídos por meio de aspectos simbólicos e de distinção social, ainda que não de forma rígida e estrutural, senão mais porosa e performática.

À parte essa questão mais específica, procurei refletir sobre a Antropologia de maneira geral e a Antropologia Urbana em específico, desde os estudos urbanos na Escola Sociológica de Chicago. Fiz isso no intuito de perceber como alguns olhares sobre a cidade e os estudos urbanos provocaram deslocamentos antropológicos que tornaram possível passar a perceber a

[12] Para José Esteban Muñoz (1999), desidentificação é um processo que constitui estratégias entre sujeitos que se percebem minoritários diante de uma cultura hegemônica; portanto, constituem, de forma tática, possibilidades subversivas de existência por meio de resistência. Mas desidentificação é mais que resistência. No mais das vezes, a desidentificação performa a norma, a hegemonia, de forma crítica e/ou irônica, é o que o autor chama de um "trabalhar com e contra" as hegemonias. Muñoz mostra como a desidentificação pode ser um potente instrumento performático de sujeitos em constantes trânsitos, tal como os homens envolvidos com o trabalho sexual e seus quartos "cuidadosamente desarrumados", que dão corpo à minha reflexão aqui. A todo momento, os sujeitos estão negociando com a normatividade e com as expectativas identitárias.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

cidade e o urbano como construções culturais e ideológicas. Mais que isso, como estas dimensões e seus agentes podem ser lidos/analisados a partir de uma ótica antropológica, bem como a sua centralidade para compreender a vida contemporânea. Para tanto, retomar alguns conceitos da Escola de Chicago e de seus autores é sempre relevante, afinal, é preciso que se diga, que a cidade e a vida na cidade são preocupações das Ciências Sociais desde o final do século XIX.

A partir dos conceitos de "estrangeiro" (Georg Simmel) e "homem marginal" (Robert Park) busquei perceber a construção e desenvolvimento das carreiras de meus interlocutores. Tais noções, entre os clássicos do pensamento urbano, eram aplicadas àqueles forasteiros que, de alguma forma, sofriam os impactos do contato entre diferentes realidades e experiências e que deveriam adaptar-se e assimilar os valores hegemônicos de onde chegavam. Apesar das agruras de ser estrangeiro, carregavam uma suposta vantagem: a liberdade. Uma espécie de "estrangeiridade" deveria ser superada a partir da "assimilação". Atenção, no entanto, a manutenção de algumas diferenças era fundamental para estruturar as relações. No caso de meus interlocutores, ser um "estrangeiro" e um "homem marginal" funcionaria também como uma marca que precisaria ser mantida e reinventada, pois seria uma parte importante do "negócio do desejo" que lhes confere alguma vantagem em um cenário completamente povoado por adversidades.

Construí minhas indagações em diálogo com o pensamento clássico a partir dos quartos de alguns interlocutores. Percebi que o quarto é mais que um espaço da casa onde se dorme. O quarto – quase nunca em uma casa nos moldes hegemônicos, mas ali sim – ganha uma centralidade e passa a ser o lugar a partir do qual a vida desse estrangeiro, ali de passagem, se organiza enquanto ele permanece em determinada praça. Esses quartos, parte de uma casa "não tradicional", revelam distintos contextos socioculturais, bem como as particularidades do habitar. As diferenças entre os quartos, sejam de estilos, de conforto e de possibilidades, acabam por informar, também, sobre os contextos em que se deram o processo migratório, bem como sobre a estrutura empreendida no trabalho sexual, questões a serem analisadas em trabalhos posteriores.

Por fim, analiticamente, ensaiei problematizar os quartos, em alguns casos, como heterotopias, em outros como não-lugares e até como *ethnoscapes*. Esses conceitos, aplicados ao contexto de minha pesquisa, são potentes para pensar a construção social dos lugares a partir das experiências dos sujeitos em suas relações mais micro e, depois, com o seu em torno mais

Ñanduty
ISSN:2317-8590

alargado. Trata-se da pertinência de um outro olhar sobre o espaço público e também das relações dos sujeitos com o espaço público nas cidades. A possibilidade de transitar pela cidade sem contatos (ou com muito pouco contato) com a sua dimensão pública pode dar pistas de uma gama variada de estratégias de "viver os lugares" e, em meu caso, pensá-los.

Referências Bibliográficas:

AGUSTÍN, L. **Trabajar en la indústria del sexo, y otros tópicos migratórios**. Tercera Prensa: Donosti, 2005.

APPADURAI, A. **Modernity at Large**. Minneapolis: University of Minesota Press, 1997.

AUGÉ, M. **Não-lugares:** introdução a uma antropologia da sobremodernidade. Lisboa: 90º, 1992.

BASHAM, R. **Urban Anthropology**. Palo Alto, CA: Mayfield, 1978.

BECKER, H. A Escola de Chicago. **Mana**, 2 (2), Rio de Janeiro, 1996, p 177-188.

BOURDIEU, P. **Les sens pratique.** Paris: Les Editions de Minuit, 1980.

BROMBERGER, C. Habitation. In. Pierre Bonte e Michel Izard (dirs.). **Dictionnaire de l'ethnologie et de l'anthropologie**. Paris: Quadrige/PUF, 2012. p317-320.

COSTA, M. H. F., MALHANO, H. B. Habitação indígena brasileira. In. Darcy Ribeiro (org.). **Suma Etnológica Brasileira**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1987. p.27-92.

EAMES, E. e GOODE, J. G. **Anthropology of the city**. An Introduction to Urban Anthropology. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall, 1977.

FARIA, L. de C. Origens culturais da habitação popular do Brasil. **Boletim do Museu Nacional: Antropologia**. Rio de Janeiro. 12: 1-72, 1951.

FOUCAULT, M. Des espaces autres. **Archi Bref**. 48, 1984. Genève, École d'architecture. p.5-8.

GRIAULE, M. **Dieu d'eau:** entretiens avec Ogotemmêli, 1948. Paris: Librarie Arthème Fayard, 1966.

HANNERZ, U. **Exploring the City:** Inquiries Toward an Urban Anthropology. New York: Columbia University Press, 1980.

LÉVI-STRAUSS, C. **Tristes Trópicos**. São Paulo: Editora Anhembi, 1957.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

MACHADO, I. J. R. Imigrantes brasileiros no Porto: Aproximação à perenidade de ordens raciais e coloniais portuguesas. **Lusotopie**, 2004, p.151-140.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MUÑOZ, J. E. **Disidentifications** : Queers of Color and the Performance of Politics. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999.

NOVAES, S. C. (org.). **Habitações Indígenas.** São Paulo: Nobel/EdUSP, 1983.

OLIVEIRA, A. **As vendedoras de ilusões:** estudo sobre prostituição, alterne e striptease. Lisboa: Editorial Notícias, 2004.

PARK, R. E. Comunicação. In: PARK, Robert E.; SAPIR, Edward. **Comunicação, linguagem, cultura**. São Paulo: ECA/ USP, 1971, p. 55-76.

PARK, R. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In. Velho, Otávio (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

PERLONGHER, N. **O negócio do michê.** A prostituição viril. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PISCITELLI, A. Apresentação: gênero no mercado do sexo. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 25, p. 7–23, 2016. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644699. Acesso em: 18 ago. 2021.

PORTOCARRERO, J. A. B. **Tecnologia Indígena em Mato Grosso:** Habitação. Cuiabá: Entrelinhas, 2010.

RAPOPORT, A. **Pour une anthropologie de la maison**. Paris/Bruxelas/Montréal: Dunod, 1972.

RÉMY, J. e VOYÉ, L. **A cidade:** rumo a uma nova definição. Lisboa: Afrontamento, 1994.

RIBEIRO, M *et. al*. **Vidas na Raia:** Prostituição Feminina em Regiões de Fronteira. Porto: Afrontamento, 2007.

RIVIÈRE, P. Houses, places and people: community and continuity in Guiana. In. Janet Carsten e Stephen Hugh-Jones (orgs.). **About the House:** Lévi-Strauss and Beyond. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p.189-205.

ROSALES, M. V. **As Coisas da Casa:** Cultura Material, Migrações e Memórias Familiares. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2015.

RUEGG, F. **La maison paysanne:** histoire d'un mythe. Paris: Infolio, 2011.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

RUSSI, A., BRUM, C. K. Sob diferentes tetos: etnografando casas e revelando dimensões educativas e patrimoniais. **Etnográfica** [Online], Lisboa, vol. 23 (3). 2019, 693-715

SCHÜTZ, A. **Collected Papers I.** The Problem of Social Reality. Norwell: Kluwer Academic Publishers, 1974.

SILVANO, F. **Antropologia do Espaço**. Lisboa: Documenta, 2017.

SIMMEL, G. Digressions sur l'etranger. In. Y. Grafmeyer e I. Joseph (orgs.). **L'école de Chicago.** Paris: Aubier, 1990. p. 53-59.

SIMÕES, J. A. O negócio do desejo. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 31, p. 535–546, 2016. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644891. Acesso em: 12 ago. 2021.

TOGNI, P. C. Que 'brasileiras/os' Portugal produz? Representações sobre gênero, amor e sexo. In. Adriana Piscitelli, Gláucia Assis e José Miguel Nieto Olivar (orgs.). **Gênero Sexo e dinheiro:** mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil. Campinas: Unicamp/Pagu, 2011. p 385-434.

TOGNI, P. C. **A Europa é o Cacém:** mobilidades, gênero e sexualidade nos deslocamentos de jovens brasileiros para Portugal. Tese de doutoramento. Lisboa: ISCTE-IUL, 2015.

VELHO, G. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VELHO, G. **Projeto e Metamorfose:** antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

WIRTH, L. O urbanismo como modo de vida. In. Velho, Otávio (org.). **O fenômeno urbano.** Rio de Janeiro: Zahar, 1973.